

## O USO SOCIAL E IDEOLÓGICO DOS SUFIXOS -DADE E -ISMO: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA <sup>1</sup>

**Thamara Pâmela de Oliveira GENEROSO<sup>2</sup>**

Licencianda em Letras  
IFSP/Câmpus São Paulo

**Alice Pereira SANTOS<sup>3</sup>**

Doutora em Filologia/USP  
Docente/IFSP/Câmpus São Paulo

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa é estabelecer bases morfológicas para a discussão contemporânea referente à significação e à utilização de certas palavras, que podem transmutar-se ou não de acordo com o sufixo empregado, dotando-as de carga ideológica. Os sufixos aqui abordados são *-ismo* e *-dade*, sendo utilizadas, especificamente, as construções “homossexualismo” e “homossexualidade” para o desenvolvimento da análise. São considerados dois dos diferentes prismas de análise existentes: o olhar popular, cuja análise é pautada nas respostas a um questionário online anônimo veiculado em redes sociais; e a abordagem midiática, em que é investigada a posição adotada pelas grandes mídias referente aos usos dos sufixos por meio de *e-clipping* e de análise de *trends*. Como arcabouço teórico e para análise dos resultados são utilizados Sandmann (1992), Gianastácio (2011) e Gonçalves (2019).

**Palavras-chave:** Sufixo; Ideologia; Morfologia; *-ismo*; *-dade*.

### Introdução

Existe na contemporaneidade uma discussão acirrada a respeito da intencionalidade com que são usados os sufixos *-ismo* e *-dade*, principalmente no contexto do universo LGBTQ+, quando se fala de “homossexualismo” e “homossexualidade”. Entrando em certa dicotomia em relação às opiniões, há, por um lado, aqueles que defendem ser correta a escolha da segunda opção, por existirem, com

---

<sup>1</sup> Trabalho resultante de Iniciação Científica. Orientadora Profa. Dra. Alice Pereira Santos.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: tpogeneroso@gmail.com

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: alicesnt@ifsp.edu.br

o sufixo *-ismo*, muitas palavras denotadoras de doença. A outra vertente acredita que a escolha seja involuntária, e que a problemática das diferentes acepções é infundada, uma vez que não há intencionalidade da classificação da sexualidade como doença ou afins.

Entretanto, em ambas as perspectivas, não existe fundamentação para a argumentação, seja ela morfológica ou semântica, ambas primordiais para estabelecer bases a respeito da origem e evolução das palavras em uma metodologia científica. Dessa maneira, se colocam opiniões como as de meios de comunicação, que optarão invariavelmente por um dos usos, com seus próprios motivos e justificativas; ou mesmo opiniões populares, como aquelas que ocorrem no ambiente virtual de blogs e redes sociais, nas quais, inclusive, as pessoas se posicionam abertamente sobre a razão de suas escolhas. Outra discussão bastante pertinente acontece por parte da comunidade LGBTQ+ sobre o uso das nomenclaturas como categorização da sexualidade por meio do uso dos sufixos.

Sobre a especificidade dos sufixos e suas relações, serão verificados os aspectos estruturais de sua concatenação, utilizando como arcabouço teórico as pesquisas referentes à formação de palavras, suas regras e suas especificidades. Assim, conseguir-se-á estabelecer uma base de compreensão e exposição dos processos de formação de palavras na Língua Portuguesa, o que eles acarretam às escolhas do falante, e a repetição de padrões, encadeados ou não. Da mesma forma serão abordados os conceitos de produtividade, restrição e bloqueio lexical de Antônio José Sandmann (1989), buscando depreender como é possível que diferentes construções existam para um mesmo fim, com um mesmo radical, alterando-se somente o sufixo, bem como as possíveis intencionalidades de tal produtividade devido ao caráter econômico da língua.

Além de aspectos estruturais de análise morfemática, pretende-se organizar os conceitos junto ao campo linguístico da semântica, utilizando especificamente as noções de construção do discurso embasada na tríade: sujeito, contexto social e forma, esta abordada pelos estudos morfológicos supracitados. Considerando, portanto, a dimensão cognitiva do sujeito, a palavra não somente em sua condição restrita e exclusivamente lexical, mas como vestimenta que recobre o discurso individual, caracterizando-o.

Há algumas pesquisas já realizadas sobre cada sufixo individualmente, as quais serão consultadas no levantamento de informações sobre uso e frequência, sua

construção histórica e especificidades. Uma delas é a de Gianastácio (2011), que aborda o sufixo *-ismo* diacronicamente, indo do surgimento e utilização na língua de origem até seu emprego nos dias atuais, verificando mudanças semânticas e gráficas neste percurso. Porém, nota-se uma escassez de pesquisas que vinculem ambos os morfemas (*-ismo e -dade*) em análises semânticas (ARAÚJO, 2012) e nenhuma, até o momento, que o faça por um viés morfológico, que deve ser levado em conta quando aborda-se a etimologia.

Percebeu-se, assim, a necessidade do desenvolvimento de uma pesquisa que tenha por objetivo estabelecer bases concretas para que a discussão acerca da ideologia ou sua ausência nos sufixos seja construída, e não somente conjecturas, como as que existem atualmente. No período histórico atual, em que mesmo na área da saúde existe uma controvérsia sobre como lidar com a sexualidade, as escolhas lexicais realizadas podem ou não dizer respeito a este embate. Para tanto, é importante que existam pesquisas sobre algo tão específico e peculiar dentro da área a que diz respeito: a área linguística.

## **Metodologia**

É importante esclarecer, antes de prosseguir na exposição dos métodos utilizados e resultados obtidos, que o objetivo inicial da pesquisa era verificar o uso de palavras com os sufixos em questão em três âmbitos: popular, intermediado pelas redes sociais; midiático, por meio de publicações de cunho jornalístico; e acadêmico, analisando publicações acadêmicas, como artigos científicos, dissertações e teses. Porém, devido à grande amplitude de resultados advindos da busca de usos populares e de usos midiáticos, reduziu-se o escopo de pesquisa, limitando o foco analítico aos dois primeiros âmbitos. O terceiro viés, contudo, não foi excluído e pretende-se expandir a pesquisa por meio dele muito em breve.

Assim, dividiu-se a pesquisa em três etapas básicas, as quais serão expostas ao longo deste. A primeira foi a recolha quantitativa de vocábulos que apresentam derivação sufixal em *-ismo* e em *-dade*, a correlação com a fundamentação teórica e a etimologia. A segunda foi a verificação dos usos populares por meio de formulários online na plataforma *Google Forms* e a análise dos resultados encontrados. Por fim, a

terceira corresponde à averiguação dos usos dos termos “homossexualismo” e “homossexualidade” por parte da mídia, realizada por intermédio de duas ferramentas: o *e-clipping*, recurso utilizado por jornalistas para reunir matérias sobre um mesmo tema; e a plataforma *Google Trends*, que faz o levantamento da frequência de procura por certo termo em determinado período.

## **Etimologia**

Inicialmente, verificou-se o número de palavras com os sufixos *-ismo* e *-dade* utilizando o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Relacionados ao sufixo *-dade* foram localizados 2.573 (dois mil quinhentos e setenta e três) verbetes em Língua Portuguesa, sendo definido pelo próprio dicionário como “formador de substantivos abstratos derivados de adjetivos” (HOUAISS, 2001). Já para o sufixo *-ismo*, foram encontrados 2.323 (dois mil trezentos e vinte e três) verbetes relacionados. Assim como o sufixo anterior, o dicionário também apresenta uma definição para este, desta vez mais extensa e específica: “o sufixo *-ismo* foi, primeiro, usado em medicina, para designar uma intoxicação [...]; seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos [...]” (HOUAISS, 2001).

De acordo com Gianastácio (2011), o sufixo *-ismo* vem sendo confundido como advindo diretamente do grego para o português, contudo, não é levado em conta que ele primeiro foi incorporado ao latim. Sua inclusão na língua latina foi iniciada com termos relacionados à religião, como “cristianismo” ou “judaísmo”. Posteriormente, além dos movimentos religiosos, também passou a ser utilizado para denominar períodos religiosos, como “vedismo”, período em que eram praticados rituais escritos nos Vedas. O pesquisador também explora como os autores de gramáticas de Língua Portuguesa abordam as possíveis divisões lexicais para o sufixo, restringindo-o a produções ligadas ao campo de ideologia e movimentos ideológicos, como “marxismo”, filosofia, religião e períodos históricos, além de estar relacionado, em alguns casos, juntamente com outros sufixos, à expressão de pejoratividade, como em “moralismo”.

Percebe-se que, sobre o segundo sufixo, *-dade*, não há grandes afirmações, por parte da descrição do Dicionário Houaiss, de cunho semântico ou mesmo divisão em certos campos, como é possível verificar no sufixo *-ismo*. A maior parte das pesquisas

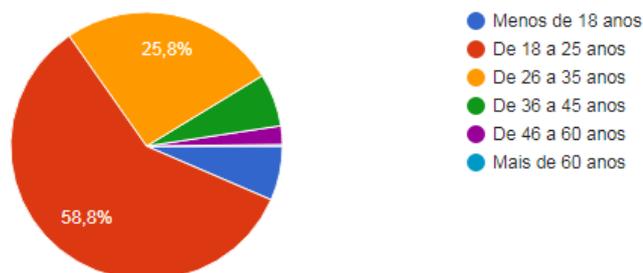
que abordam *-dade* trata de seu aspecto especificamente morfológico, como as classes de palavras a ele relacionadas. Araújo (2012) aborda o sufixo em sua pesquisa de maneira a destrinchar o que se pode aferir pelas formações de palavras através da sufixação, como o fato de ele não atribuir novos significados às palavras a que se une, por exemplo, em “amigo”, que se torna “amizade”, ou “natural”, que passa a “naturalidade”.

## Formulário

Para averiguar se existe um posicionamento claro e crítico por parte dos falantes em sua vida linguística cotidiana, foi elaborado um formulário online através da plataforma *Google Forms* e disseminado em redes sociais como o *Facebook* e *Whatsapp*. Os participantes tinham de responder a cinco perguntas, sendo três de múltipla escolha, estas eram obrigatórias, e duas dissertativas, nas quais teriam a possibilidade de escrever até um parágrafo sobre o que foi perguntado, não sendo estas obrigatórias. O formulário era anônimo, por isso não foi preciso fazer uso de nenhum termo para utilização dos dados recolhidos.

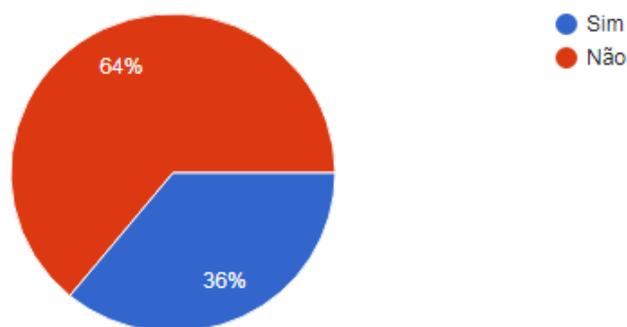
O questionário tinha o objetivo de verificar se existia uma divisão de cunho social e ideológico em relação aos falantes que optavam pelas construções “homossexualismo” ou “homossexualidade”, se eles diferiam ambas em algum aspecto ou se não tinham consciência crítica sobre os usos. No total, foram obtidas 534 (quinhentas e trinta e quatro) respostas às perguntas do formulário online. A seguir, serão expostos os percentuais de cada resposta às questões de múltipla escolha.

**Figura 1** — Respostas referentes à faixa etária dos participantes



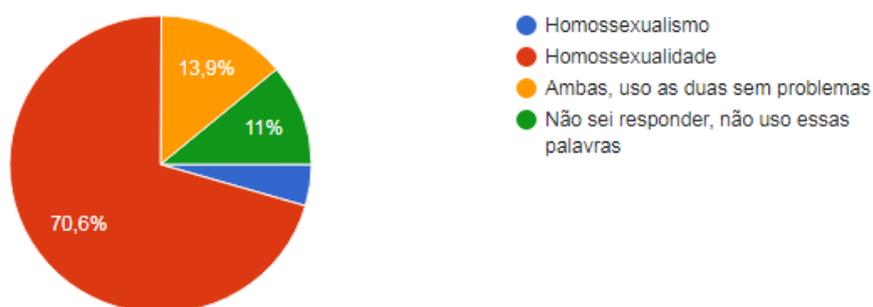
Fonte: Extraído do *Google Forms*

**Figura 2** — Respostas referentes ao pertencimento à comunidade LGBTQ+



Fonte: Extraído do *Google Forms*

**Figura 3** — Respostas referentes às escolhas lexicais



Fonte: Extraído do *Google Forms*

A primeira das perguntas dissertativas dizia respeito à profissão e aos hobbies dos participantes, visando analisar se existia algum padrão de respostas relacionado às áreas de atuação profissionais ou participação em movimentos sociais. Grande parte das respostas, aproximadamente 25% (vinte e cinco por cento), veio de estudantes, que não especificaram se eram alunos do ensino formal e nem se pertenciam ao ensino fundamental, médio ou superior. As outras respostas vieram das mais diversas áreas de atuação, com profissões como: professor(a), psicólogo(a), biólogo(a), cozinheiro(a), jornalista e dentista, entre muitas outras.

Já a segunda pergunta dissertativa era um desmembramento da questão de alternativas sobre a escolha lexical, o cerne do formulário. Nela questionou-se o motivo da escolha lexical, se o participante poderia explicar o motivo de ter optado por

“homossexualismo” (4,5%) ou por “homossexualidade” (70,6%). A seguir, apresenta-se uma tabela que explicita a relação entre as escolhas lexicais e algumas das respostas obtidas, as 5 (cinco) mais significativas para o objetivo da pesquisa.

**Quadro 1** — Recorte de respostas sobre a motivação da escolha lexical

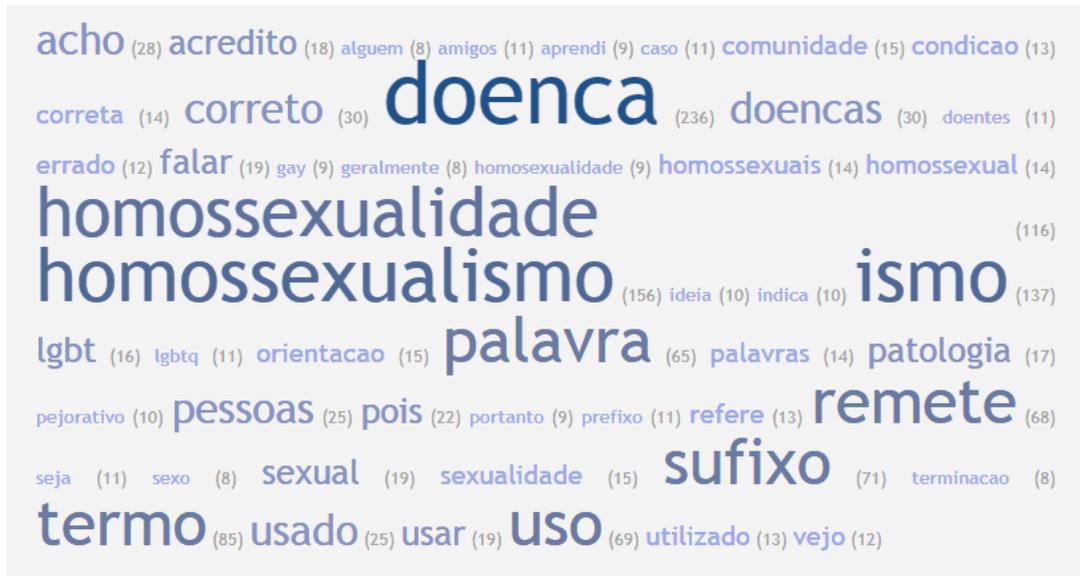
<b>Homossexualidade</b>	<b>Homossexualismo</b>
“Homossexualidade não é uma doença e não deve ser chamada como tal. O termo mudou e devemos nos adaptar.”	“Não sei se há diferença.”
“Me disseram que homossexualismo designava uma doença, portanto seria desrespeito usá-la, portanto uso o termo homossexualidade.”	“Não sei exatamente o motivo, mas acho que vejo mais o termo homossexualismo sendo usado na mídia e por isso acostumei a usar este.”
“Ismo no final da palavra, se trata de uma doença. E ser homossexual, não é uma doença.”	“Acredito que por costume.”
“Porque sufixo "ismo" é relacionado com o sentido de patologia, e homossexualidade não é doença.”	“Sou acostumada a falar assim, quando uso essa palavra.”
“Meus amigos dentro da comunidade LGBTQ+ me falaram que é esse o correto.”	“Palavra mais utilizada pelas pessoas em geral, acredito.”

**Fonte:** Autoras

O que foi constatado por meio do formulário é que existe uma maioria exorbitante de falantes que opta pelo termo “homossexualidade”, exatamente 70,6%, e que em quase todas as justificativas para a escolha, aproximadamente 90%, estão presentes motivos de embasamento supostamente morfo-semântico para sustentar um pensamento claramente crítico sobre a ideologia da linguagem, intrínseca ao social. Em contrapartida, somente 4,5% dos participantes optou pelo vocábulo “homossexualismo”, e aproximadamente 40% deles não justificou sua resposta, deixando em branco. Os 60% que justificaram a escolha não utilizaram nenhum argumento de embasamento social ou supostamente etimológico, como os que escolheram “homossexualidade”: ou não sabiam exatamente o motivo de usar, o faziam intuitivamente, ou justificavam-se



**Figura 5** — Nuvem de palavras elaborada com as respostas dissertativas do formulário



**Fonte:** Autoras, a partir do *TagCrowd*

Viu-se no capítulo sobre etimologia que o sufixo *-ismo* não está diretamente relacionado somente, e nem majoritariamente, a patologias, e sim a vários movimentos ideológicos, filosóficos, religiosos, entre outros. Portanto, não é a associação com patologias que incomoda o falante que opta por “homossexualidade”, apesar de quase a totalidade das justificativas alegarem esse fato, como pode ser verificado no Quadro 1 e nas Figuras 4 e 5. A palavra “doença”, também considerando seu plural, foi utilizada 266 vezes nas justificativas do uso, “patologia” foi utilizada 17 vezes. Assim, as respostas levam a crer que a reprodução de um discurso alastrou-se no meio social do falante comum sem nenhuma confirmação de base morfológica.

Ao tratar dos meios pelos quais a pejoratividade é expressa, Sandmann (1989) aborda diversos sufixos que se ligam a certos vocábulos e criam um novo sentido de cunho desdenhoso, ou mesmo ofensivo. Entre esses sufixos, arrola-se o *-ismo*, que, segundo o autor, é extremamente produtivo na criação de vocábulos pejorativos. Porém, ele também afirma que essa carga negativa não se encontra vinculada ao sufixo propriamente, e sim ao contexto e fatores culturais. Fiorin (1998, p. 21) diz que “estudar as coerções ideológicas só com elementos da estrutura profunda pode falsear a análise”, ou seja, é no superficial, na concretização do discurso, que pode ser aferida a valoração negativa de um vocábulo.

Além disso, como um breve comentário a respeito da confluência entre a carga valorativa do sufixo e a intencionalidade do sujeito, merecem destaque as construções utilizadas na elaboração do comentário crítico. A maioria das respostas era expressa por meio de orações complexas, que, para Sperança-Criscuolo (2013), permite ao falante incorporar mais informações ao enunciado. Para a autora, há, minimamente, três motivações para tal uso: se comprometer com o que está sendo dito, garantir a confiabilidade da informação ao citar sua fonte, ou modalizar o enunciado para não se comprometer.

Em respostas relacionadas ao sufixo *-dade*, as construções complexas citam fontes para assegurar a veracidade da informação, como estratégia de confiabilidade no que está sendo dito, como em: “**meus amigos dentro da comunidade LGBTQ+ me falaram que é esse o correto**”. Já em respostas relacionadas ao sufixo *-ismo*, é escolhida a modalização do discurso para que não haja comprometimento do sujeito por meio de predicadores que expressam o conteúdo como suposto. Um exemplo da ocorrência está em “**acredito que** por costume” ou em “não sei exatamente o motivo, mas **acho que** vejo mais o termo homossexualismo sendo usado na mídia e por isso acostumei a usar este”.

As construções simples, por sua vez, são mais presentes nas respostas que afirmam a utilização do sufixo *-dade*, uma vez que, em decorrência da validação social do termo “homossexualidade”, o falante não sente necessidade de garantir a confiabilidade, pois trata-se de um discurso corrente, e nem de preservar-se de algum comprometimento, pois sabe que terá respaldo social. Por outro lado, pessoas que não tinham consciência da existência de outra forma e responderam que utilizam “homossexualismo”, ao vislumbrar uma questão sobre a qual não havia uma opinião formada, optaram, invariavelmente, pela modalização do enunciado.

### ***E-clipping***

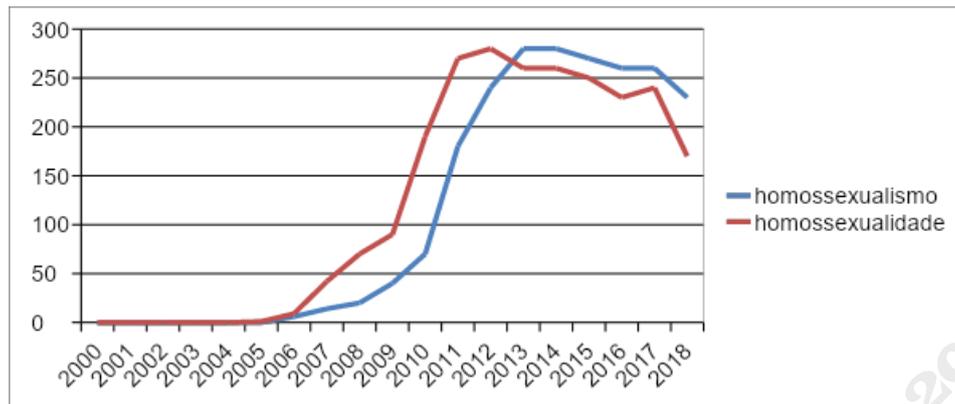
Quando um termo é pesquisado no *Google*, antes da apresentação de qualquer resultado, é dada uma definição para aquela construção. Ao pesquisar “homossexualidade”, a definição apresentada é a seguinte: “condição de homossexual; homossexualismo”. Ou seja, não há uma diferenciação entre os termos

“homossexualidade” e “homossexualismo”, eles são apresentados como sinônimos. Utilizando filtros na ferramenta de buscas, ferramentas disponibilizadas pela página, iniciou-se o processo de *clipping*, recurso muito utilizado no meio jornalístico e tomado de empréstimo pela pesquisa para encontrar informações presentes na grande mídia sobre o uso dos termos em questão. Para que fosse feita a pesquisa, delimitou-se certo período que seria abrangido para coleta de dados, sendo escolhido o intervalo que se inicia no ano de 2000 e vai até o ano de 2018. O objetivo era abarcar anos completos a partir da primeira década do século XXI até o último ano já completo deste mesmo século, 2018.

Dentre os filtros utilizados para seleção de dados, a pesquisa foi limitada à aba “notícias” do *Google*, não sendo, inicialmente, utilizados resultados gerais para determinado período, uma vez que o foco era recuperar usos da grande mídia, portais de notícias de jornais nacionalmente conhecidos e já estabelecidos pela sociedade brasileira como fonte de informações de credibilidade. Assim, com o filtro temporal e de categoria definidos, a pesquisa iniciou-se pelo termo “homossexualidade” e pelo ano de 2000, não obtendo, entretanto, nenhum resultado. Dessa mesma forma, também não foram obtidos resultados nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2004. O primeiro resultado encontrado data de 2005 e, nesse ano, foi o único. A partir desse ano, os resultados foram gradualmente aumentando.

O mesmo procedimento foi realizado com o termo “homossexualismo”, com os mesmos filtros e o mesmo intervalo, de 2000 a 2018. Os resultados apresentaram certa similaridade com a frequência do termo “homossexualidade”, não sendo encontrados nos anos de 2000, 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005. A partir do ano de 2006, começam a aparecer os primeiros resultados, aumentando também gradualmente. Inserindo os dados obtidos por meio de ambas as pesquisas, de maneira pormenorizada, ano a ano, foi elaborado o gráfico apresentado a seguir, que indica a frequência da utilização dos vocábulos pela mídia.

**Gráfico 1** — Frequência da utilização dos vocábulos pela mídia de 2000 a 2018



Fonte: Autoras

O *Google Trends* é uma ferramenta que permite verificar a frequência em que um termo particular é procurado, além de possibilitar sua comparação com outro termo. Assim, comparou-se a frequência de busca dos dois vocábulos em questão utilizando filtros referentes à localidade, ao período e ao tipo de pesquisa. Para o primeiro deles, os resultados estariam vinculados a buscas feitas somente no Brasil. Para o segundo, as buscas somente poderiam ter sido realizadas do início de 2008, o ano mínimo disponibilizado pela plataforma, ao fim de 2018, mesmo ano final da busca por meio de *e-clipping*. Já para o terceiro filtro, os resultados seriam referentes somente à pesquisa de notícias, ou seja, a publicações midiáticas.

**Figura 6** — Frequência da pesquisa pelos vocábulos na mídia de 2008 a 2018



Fonte: Extraído do *Google Trends*

Apesar de o objetivo ser verificar os usos, motivados ou não, da grande mídia, também foi testado que se se retirasse o filtro “notícias” e que a busca por período abarcasse todos os resultados disponíveis. Os resultados, como poderia se esperar, foram mais amplos: foram encontrados blogs com artigos de opinião e, entre muitos outros resultados, portais religiosos das mais diversas vertentes do cristianismo, bem como portais espíritas. Nestes, o uso de “homossexualidade” e “homossexualismo” é basicamente indiscriminado, sendo utilizados como sinônimos e alternados ao longo dos textos. Também nos portais espíritas são apresentados artigos com as “possíveis causas” da sexualidade homoafetiva: psiquiátricas, morais, obsessivas, entre outras.

Já nos portais cristãos, o termo “homossexualismo” é utilizado com mais frequência, sendo utilizado como sinônimo o termo “sodomia”. Há ainda ocorrências nesses mesmos portais com o sufixo *-ismo*, como “lesbianismo” e outras definições para os termos, como “sexualidade desviante”. Outro caso curioso também relacionando certas sexualidades a desvios é o de alguns portais científicos, que categorizam “homossexualidade” e “homossexualismo” dentre os “comportamentos desviantes” na sexualidade humana. Além disso, a relação entre homossexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, é muito comum na primeira década analisada (2000-2010), portanto, há muitos resultados em portais de saúde e portais religiosos.

Contudo, como a proposta desta pesquisa é uma análise quantitativa, essa não é uma abordagem a ser aprofundada. Ainda assim, é importante que seja destacada por mostrar uma tendência que pode ter impacto sobre os números encontrados ao longo do período em questão. Considerando que a vertente popular seguiu uma tendência de abandono à forma “homossexualismo” e adoção massiva de “homossexualidade”, a reação diante dos resultados da vertente midiática é de estranhamento. Até certo ponto, o uso dos termos pela mídia segue a mesma tendência, porém, logo depois, há uma separação muito clara entre os portais que se utilizam de cada termo, como pode ser visto no Gráfico 1. A partir desse momento, a frequência de uso dos termos torna-se equivalente, sendo “homossexualidade” superada por “homossexualismo” mais recentemente. Se comparado ao cenário político brasileiro, a tendência de dicotomizar as opiniões e posicionamentos é crescente ao longo da última década, tendo a polarização atingido seu ápice no ano de 2018, com as eleições presidenciais.

As definições e medidas empíricas de polarização do público de massa variam, mas a maioria das definições está relacionada a dois conceitos (Hill e Tausanovitch, 2015). Primeiro, a polarização é divergência quanto à ideologia política entre os membros do público. Por exemplo, se mais membros do público estão nas extremidades ou se menos membros do público ocupam o meio de distribuição, o público está mais polarizado. Segundo, a polarização aumenta a separação de grupos claramente definidos [...]. Em um eleitorado polarizado, a população está concentrada em torno de alguns pontos da distribuição, especialmente nos dois extremos desta. (BORGES; VIDIGAL, p.58, 2018)

Assim, a polarização política é reflexo de um pensamento que opõe o “eu” ao “outro”. Como uma suposição ainda a ser aprofundada, a dicotomia de usos e suas respectivas justificativas dos termos “homossexualismo” e “homossexualidade” pode significar mais do que somente escolhas linguísticas, também compondo a formação identitária de oposição e, no segundo caso, aproximação. Percebe-se por meio dos dados levantados que os usos do sufixo *-dade* são acompanhados de justificativas ou de exposição de ideias que buscam se aproximar dos discursos de minorias, diminuindo, de certa forma, a distância entre o “eu” e o “outro”. Enquanto isso, a utilização do sufixo *-ismo*, quando não é irrefletida (seja por hábito, seja por desconhecimento de alternativas), tem o intuito de marcar no discurso, com nítidos contornos, um posicionamento de antagonismo ideológico.

### **Considerações finais**

Chegou-se, por meio da análise dos dados recolhidos, a algumas considerações que foram expostas ao longo deste artigo. Como foi proposta a análise por meio da morfologia em congruência com outras áreas linguísticas, um aspecto imediatamente é reconhecido como problemático: considerando o caráter econômico da língua, não é usual que existam duas formas para um mesmo termo, que, hipoteticamente, deveriam designar o mesmo comportamento. Para Sandmann (1991), o bloqueio lexical acontece quando a formação de novas palavras é limitada por uma palavra já existente que designa o mesmo fim. A respeito especificamente da sufixação, Cardoso (2006) também utiliza Sandmann para embasamento de sua análise.

Quando se espera um determinado sufixo unido a uma base, mas se encontra outro, parece, num primeiro momento, que se trata de uma formação inaceitável, já que não se enquadra dentro das condições comuns de produção lexical. É justamente essa sensação de não aceitação que gera o estranhamento. Afinal, está se rompendo com a questão da economia lingüística, ou seja, se já existe determinada formação, parece anti-econômica uma outra. (CARDOSO, 2006, p. 687)

Sandmann (1992) retoma Margarida Basílio para apresentar as três funções básicas da formação de palavras: a semântica, a sintática e a discursiva, que diz respeito à necessidade de expressar conteúdos subjetivos. Para o autor, “a expressão de aspectos subjetivos do emissor se faz principalmente por meio de sufixos, ganhando destaque os sufixos pejorativos” (SANDMANN, 1992, p.27), ou seja, essa motivação pode ser a responsável pelo rompimento do bloqueio lexical nos termos “homossexualidade” e “homossexualismo”. Ao tentar esquivar-se de uma conotação pejorativa supostamente atrelada ao sufixo *-ismo*, que compõe a construção mais antiga, o emissor cria uma nova forma para expressar-se, unindo à base “homossexual” o sufixo *-dade*.

Gonçalves (2019) também fala de motivações da criação lexical e, dentre as funções que enumera, cita a função atitudinal, que diz respeito à necessidade de o falante acrescentar conteúdos subjetivos a uma forma lexical **neutra**. Assim, pode-se classificar a nova formação em X-ismo como formação valorativa decorrente do uso em sociedade, conseqüentemente, a formação em X-dade é classificada como neutra, uma vez que a forma lexical *-dade* é também neutra, não carrega valoração negativa no uso social. Contudo, como foi possível aferir por meio do resgate histórico das formações em *-ismo*, também não era, até pouco tempo atrás, usual que o sufixo fosse atrelado a uma carga pejorativa.

Assim, a primeira de nossas considerações finais é que a visão popular ignora as bases etimológicas das construções lexicais, utilizando-as dentro do politicamente correto supostamente por meio de possíveis analogias. Porém, pela recolha de palavras em dicionários e análise dos resultados obtidos em consonância com teóricos que tratam de ideologia e linguagem, constatou-se que o incômodo não se estabelece na relação semântica entre o sufixo *-ismo* e patologias, e sim com a ideia de serem termos construídos ideologicamente (como movimentos políticos, sociais, filosóficos), e não

referentes a qualidades inatas e sem alteração de sentido como os que carregam o sufixo *-dade*, este menos propício a um neologismo que seja dotado socialmente de carga valorativa negativa e pejorativa.

Além dessa, foram exploradas outras possibilidades diversas referentes à utilização de duas palavras com, de forma simplificada, a mesma raiz, aceitando, contudo, sufixação dupla. Dentre essas conjecturas, duas delas se sobressaíram pelo embasamento teórico mais consistente e, conseqüentemente, mais coerente em relação aos objetivos da pesquisa. A primeira delas é derivação de sentido do sufixo *-ismo*, não significando essencialmente uma doença, pois é muito mais abrangente, englobando movimentos sociais, ideológicos, correntes filosóficas, entre outros. Assim, oriundo da primeira definição do sufixo, há um segundo étimo, este sim carregado de uma significação predominantemente negativa criada popularmente pelo uso corrente. O resultado seria algo como:

**-ismo<sup>1</sup>**: utilizado para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos.

**-ismo<sup>2</sup>**: referente a patologias; pejorativo, forma palavras de carga semântica negativa.

Já a segunda possibilidade apropria-se de conceitos da morfologia histórica e, de certa forma, só é possível ser estabelecida como extensão da primeira possibilidade. Trata-se do conceito de *dublê*, que, na filologia, diz respeito a duas palavras de mesma origem, latina em sua grande maioria, mas que entraram na língua em diferentes momentos: uma foi incorporada primeiro e evoluiu foneticamente ao longo do tempo; a outra entrou depois, sendo incorporada diretamente do latim em um momento histórico mais recente, não sofrendo as mesmas alterações. Tomando esse conceito somente como empréstimo, toma-se como *dublê* no âmbito desta pesquisa palavras que possuem a mesma raiz, apresentando, porém, duas formas sufixais, como “homossexualidade” e “homossexualismo”.

De toda forma, ambas as construções são utilizadas hodiernamente, o que constitui um cenário de transição, como já aconteceu com muitas palavras ao longo da história da Língua Portuguesa. A tendência, quando se observa a morfologia histórica, é que uma delas desapareça e a outra seja adotada como única forma oficial e dicionarizada da língua. Ou, caso apresentem-se como *dublês*, que uma sobressaia à

outra, sendo amplamente aceita, enquanto a outra cause estranhamento ao ser pronunciada. Ao que tudo indica, principalmente quando considera-se a autonomia do falante em relação a seus usos no contexto social em que se insere, a forma “homossexualidade” tende a ser a mais aceita por sua expressividade mais branda. Contudo, retomando a dicotomia presente na utilização dos termos por parte da mídia, pela polarização de opiniões e tendência à respectiva marcação por meio das escolhas lexicais, ainda levará algum tempo até que a aceitação do termo aconteça, principalmente no cenário político atual.

## Referências

ARAÚJO, Stefanne Emily Sousa. **Sufixos -ismo e -(i)dade**: semântica e produtividade. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português), Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/10869/1542>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, n. 1, p. 53-89, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v24n1/1807-0191-op-24-1-0053.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

CARDOSO, Elis de Almeida. Rompimento do bloqueio lexical: expressividade e produção de sentido. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 685-693, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

GIANASTÁCIO, Vanderlei. Sufixo -ismo, ou -mós? A contradição existente entre a gramática grega e a portuguesa a respeito da origem do sufixo -ismo, e uma análise da sua produtividade nos dias hodiernos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 133-141, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO17/50/completo.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001.

SANDMANN, Antônio José. A Expressão da Pejoratividade. **Revista Letras**, Curitiba, v. 38, p. 67-82, 1989. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/issue/view/1064>. Acesso em: 21 set. 2017.

SANDMANN, Antônio José. **Competência lexical**: produtividade, restrições e bloqueio.

Curitiba: Editora UFPR, 1991.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. Sintaxe das orações complexas em português: uma proposta de descrição e ensino. **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 495-518, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/472/showToc>. Acesso em: 07 out. 2019.

### **THE SOCIAL AND IDEOLOGICAL USE OF THE SUFFIXES -DADE AND -ISMO: A MORPHOLOGICAL ANALYSIS**

#### **ABSTRACT**

*The objective of this research is to establish morphological bases for the contemporary discussion regarding the meaning and the use of certain words, which may or may not be transmuted according to the suffix employed, endowing them with ideological charge. The suffixes approached here are -ismo and -dade, specifically the constructions “homosexuality” and “homosexualism” are used for the development of the analysis. Two of the different existing analysis prisms are considered: the popular standpoint, whose analysis is based on the answers to an anonymous online questionnaire published on social media; and the media approach, which investigates the position adopted by the mainstream media regarding the use of suffixes through e-clipping and trends analysis. As theoretical framework and for analysis of the results are used Sandmann (1992), Gianastácio (2011) and Gonçalves (2019).*

**Keywords:** Suffix; Ideology; Morphology; -ismo; -dade.

**Envio: outubro/2019**  
**Aceito para publicação: novembro/2019**